Ano XV — Lisboa, Janeiro de 1959 — N.º 165

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 • PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

1959

No seu movimento inalterável e ininterrupto, a Terra acaba de iniciar nova rota entrando em novo ano deste século, e mais uma vez os homens fazem prognósticos acerca do próximo futuro, depois de terem, com tristeza, verificado que os prognósticos feitos no limiar do ano findo ou falharam ou não se cumpriram inteiramente.

É este um velho hábito: o Homem quer sempre consolar-se antecipadamente, porque, mesmo em caso de revés, isso lhe dá uma espécie de gozo antes de tempo, que, de certo modo, o compensa dos futuros reveses e das desilusões vindouras.

Que admirar, pois, que na entrada deste enigmático 1959 todos nós façamos como sempre se fez? E hoje com muito mais razão do que em qualquer época do passado, exceptuando aquelas alvoradas terríveis dos anos de guerra.

Não estamos, felizmente, em guerra, mas tudo no-la lembra à nossa volta. Tudo nos fala de luta, de ambições mal contidas, de ódios irrepreziados: é a chamada «guerra fria», horrível invenção dos nossos tristes tempos, que se não cansam de procurar por todos os modos levar a inquietação ao inquieto coração humano.

Há dramas inenarráveis por toda a face do Planeta; há mães que choram os filhos presos; há filhos que choram os pais sacrificados aos ódios políticos, a forma mais odiosa do ódio, se admitirmos que este possa assumir qualquer forma atenuada; há países que gemem na escravidão e anseiam pela hora da Liberdade com a mesma ânsia com que outrora os Judeus ansiavam pela vinda do Messias; há bocas que têm de calar-se porque se receia que delas se solte a verdade; há miséria, há fome, há morte; há tudo aquilo enfim que o génio poderoso de Dante imaginou para o seu *Inferno* e que o seu cândido coração de homem de Trezentos supunha não pudesse ser ultrapassado.

Sim, meus amigos, há tudo isso. Só escasseia, só falta aflitivamente o Amor, aquele Amor que sob mil-e-uma formas pode abrandar o coração de fera humana. Não há amor à face da Terra e todos os grandes homens que o pregaram na peugada de Jesus Cristo, o maior pioneiro do Amor, estão hoje lamentàvelmente esquecidos e o seu nome é, até, vilipendiado pelos empreiteiros do ódio e dos instintos animalescos da revindicta!

Entrou um novo ano. E quando a perspectiva deveria ser de esperança, esperança de Paz e de Amor para todos os povos da Terra, é o fantasma do Ódio que se ergue diante dos nossos olhos a agitar nas mãos convulsas o látego da servidão. Até quando será dado ao Homem continuar a ser o carrasco de si mesmo?

O Escotismo tem um lugar à parte e destacado na história das ideias e da pedagogia, porque teve e tem a sua mensagem, toda de paz e de amor. Dando corpo às suas ideias, Baden-Powell proporcionou aos homens um meio simples e eficaz de se reeducarem, transformando por completo os processos educativos dos rapazes e das raparigas. E durante alguns anos foi o Escotismo a grande esperança de todos aqueles que se não resignavam a terem de descrer do Homem e dos seus destinos.

Obra que foi o sonho doirado dos rapazes do nosso tempo, obra em cujos princípios cremos hoje com o mesmo entusiasmo e a mesma fé dos nossos 20 anos, ela tem sido desvirtuada, intencionalmente ou por

(Conclui na página 2)

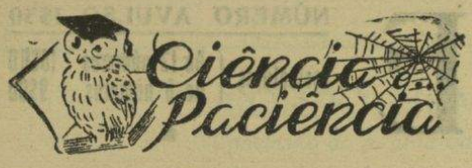
15.º Aniversário

Nesta caminhada, que vimos empreendendo desde o dia 1 de Janeiro de 1944, acabamos de atingir mais um marco miliário. A jornada não tem sido fácil, as dificuldades abundam e as contrariedades também, mas como não caminhamos sós e ao nosso lado vêm almas animosas, que nos incitam a prosseguir mais além, aqui chegámos já com alegria e satisfação. Olhando o caminho percorrido, nestes longos 15 anos, recordamos melhor os momentos de triunfo e de júbilo, do que os naturais aborrecimentos. Recordam-nos, com especial gratidão, as manifestações de simpatia constantemente recebidas de bons e dedicados amigos, generosamente apreciando o nosso trabalho, que outro mérito não tem do que uma forte vontade de servir, de manter viva esta chama do Escotismo, tão abafada por um clima adverso e pela negligência de muitos.

Lembramos também a cooperação dedicadíssima daqueles que honram as nossas colunas com o seu labor intelectual, dos nossos agentes e correspondentes, espalhados por todo o país, mantendo uma acção utilíssima. Da Direcção dos Escoteiros de Portugal recebeu também «Sempre Pronto», há cinco anos, a medalha «Lis de Agradecimento», galardão que expressa o reconhecimento da obra realizada.

Vamos continuar. O caminho continua áspero e mais do que nunca carecemos de mobilizar esforços de todos os nossos amigos. O Movimento Escoteiro, entre nós, vive uma hora difícil, corre o risco de se perder a si próprio, enveredando por uma actividade material sem sentido, em virtude da falta de idealismo da época, em que os valores supremos — os espirituais — são postergados. «Sempre Pronto» sente como sua responsabilidade a tarefa de sacudir a inércia em que se vive, de denunciar des-

(Conclui na página 2)



PROBLEMA DIFÍCIL

CONCURSO DE 1958

Com o problema de Dezembro passado encerrou o Concurso referente a 1958. A solução era a seguinte;

A viagem seria feita em 4 etapas. Os carros sairiam com 1.200 litros da gasolina cada um. Ao fim dos primeiros 300 km., um deles é abandonado na estrada, repartindo-se os 900 litros de gasolina que lhe restam pelos três restantes, que continuarão a viagem com 1.200 litros cada um Ao fim de outros 400 km., é abandonado outro carro. A gasolina que lhe sobra é dividida pelos outros dois carros, cabendo 400 l. a cada um. Seguem para outra etapa novamente com 1.200 litros em cada carro. Ao fim de 600 km., é abandonado o 3.º carro e os litros de gasolina são transferidos para o último carro, que, novamente com o depósito repleto, completará os 1.200 km. que faltam.

Acertaram na solução do problema os nossos bons amigos srs. António Amêndoa, de Lisboa; José Manuel de Jesus Fernandes, de Vila Real de Santo António; José Cordeiro Teixeira, de Coimbra; José Alberto Figueira Guerreiro e António Norberto de Sousa Cunha, de Faro, a quem apresentamos as nossas felicitações.

Correio — Agradecemos ao nosso amigo sr. Guerreiro, de Faro, o problema que fez o favor de nos enviar, mas já foi publicado um problema do mesmo género no «Sempre Pronto».

Prémios do Concurso de 1958

Sr. José Cordeiro Teixeira — 30 pontos — 1.º prémio.

Sr. José Manuel de Jesus Fernandes — 30 pontos — 1.º prémio.

Sr. António Amêndoa — 25 pontos — 2.º prémio

Sr. José Alberto Figueira Guerreiro — 21 pontos — 2.º prémio.

Os vencedores do nosso Concurso, a quem felicitamos, receberão durante o mês corrente os livros de prémio a que têm direito.

CONCURSO DE 1959

Iniciamos este mês o concurso de 1959, que será regido pelas mesmas regras do concurso do ano findo ou sejam:

1— Os Concorrentes que nos enviem a solução certa de cada problema e nos indiquem a forma como conseguiram esse resultado marcarão 5 pontos.

2— Marcarão 1 ponto de presença os Concorrentes que não acertarem na solução.

3— Os Concorrentes que nos tenham enviado problemas para publicação, se estes forem publicados marcarão os 5 pontos, visto ficarem impossibilitados de concorrer.

4— As respostas deverão estar na nossa Redacção 15 dias após a publicação do jornal, para os assinantes do Continente e Espanha; 30 dias para os assinantes das Ilhas Adjacentes e 45 dias para os das províncias ultramarinas.

5— Haverá um 1.º prémio para todos os concorrentes que obtenham o número máximo de pontos ou seja que acertem em todas as soluções.

6— Haverá um 2.º prémio para todos os concorrentes que obtenham 2/3 do número máximo de pontos.

7— Todos os prémios serão constituídos por livros.

PROBLEMA N.º 1

A Escada da Torre

Um turista perguntou ao guarda da torre qual era altura total da escada da torre: «Entre 7 e 8 metros?» disse ele. O guarda sorriu maliciosamente e respondeu: «Está certo, sim senhor. Mas agora, se quiser saber a altura exacta, posso dizer-lhe que cada degrau tem 16 cm. de altura; além disso, sem atingir o alto da escada pode-se subir metade dos degraus, depois o terço do que resta e enfim o oitavo do segundo resto!» Qual será então a altura da escada?

1959

(*Conclusão da página 1*)

ignorância, até por aqueles que tinham a obrigação de salvarem da destruição os «papiros» sagrados.

O desvirtuamento da obra de Baden-Powell, porém, em nada compromete a obra do Mestre, mas tão-sòmente pode comprometer os que se mostraram incapazes do assimilarem e compreenderem a sua lição magnífica.

Nós cremos no Escotismo! E porque cremos nele, neste limiar enigmático do ano recém-entrado, olhando o panorama desolador que o Mundo nos oferece, temos a convicção plena e absoluta de que o Homem rejeitará de si essa animalidade a que se tem mostrado tão preso, para entrar finalmente na sua Humanidade, obra grandiosa que só a Juventude pode levar a cabo com tenacidade e constância por meio do Escotismo.

Sejam, pois, de esperança, apesar de tudo, as palavras com que vamos fechar o nosso arrazoado, esperança nos destinos dos homens, esperança nos destinos dos povos, esperança em tempos melhores sob o signo da Paz e do Amor.

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

15.º Aniversário

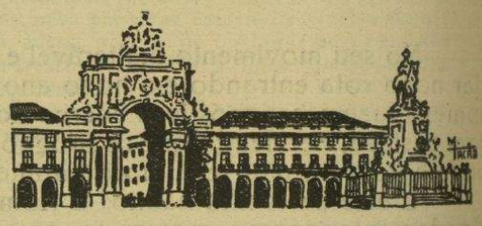
(*Conclusão da página 1*)

vios e estimular, por outro lado, todas as boas vontades que surjam. Esta acção é muito difícil, por nem sempre ser compreendida nas suas reais intenções. Mas não deveremos nós exercer a acção de um órgão de defesa e propaganda do Escotismo? Julgamos que sim. Para isso é indispensável o apoio de todos os verdadeiros Escoteiros e daqueles que o não sendo compreendem e aceitam os altos ideais que inspiraram Baden-Powell. Sobretudo, contamos muito especialmente com a presença dos Antigos Escoteiros, daqueles que, tendo nos transmitido o facho, melhor podem compreender a necessidade do nosso esforço e a fidelidade das nossas intenções. Na certeza de que continuaremos a contar com esse apoio, não nos desviaremos do caminho que vimos traçando desde há 15 anos. Esta será ainda a melhor homenagem que podemos prestar a todos os nossos amigos e colaboradores.

O Major-General D. C. Spry

Director da Repartição Internacional de Escotismo, chega a Lisboa em 16 de Março próximo.

Em visita ao Escotismo Português, chega a Lisboa em 16 de Março próximo o General D. C. Spry, que se demorará três dias entre nós.



O ESCOTISMO NA CAPITAL

25.º Aniversário do Grupo n.º 53

No passado dia 1 de Dezembro, este grupo comemorou as suas «Bodas de Prata». Na sessão solene realizada no salão de festas da Igreja Lusitana de S. Paulo, que se encontrava totalmente cheio, viam-se representações dos grupos de escoteiros n.os 5, 10 e 94 e ainda muitas Guias de Portugal dos grupos «Rainha D. Leonor» e «Filipa de Vilhena».

Presidiu o Pastor Rev. Eduardo Moreira, encontrando-se na mesa representantes do grupo 10, das guias e dos antigos escoteiros do 53.

O Chefe do Grupo, sr. Armando Lino, abriu a sessão e fez uma ligeira digressão através da história do 53, lembrando nomes e factos que ficaram para sempre gravados na história do Grupo.

O Rev. Eduardo Moreira falou aos escoteiros sobre o significado do dia 1.º de Dezembro, pondo em destaque a lealdade, honradez e o amor pátrio dos heróis de 1640, virtudes que apontou como dignas dos escoteiros.

O Chefe Rui Cunha leu a Ordem de Serviço, na qual era distinguido o escoteiro Fernando Lino com a medalha de «Dedicação e Bons Serviços». O Chefe Armando Lino recebeu a estrela de 25 anos de serviço prestados ao grupo 53. Foram ainda lidos telegramas de saudação de antigos escoteiros ausentes de Lisboa.

Foram projectados vários filmes cedidos pela Embaixada de França.

No dia 14, na Igreja Lusitana de S. Paulo, realizou-se um culto de acção de graças pelo 25.º aniversário do grupo. Estiveram representadas as duas companhias de guias já citadas, e presentes antigos escoteiros, o chefe Capitolino de Macedo, do Grupo 94, e o Director do «Sempre Pronto».

O Rev. Eduardo Moreira pregou sobre o amor de Deus e do Próximo, analisando a Lei do Escoteiro como expressão desse mesmo amor na vida dos escoteiros.

«Sempre Pronto» saúda Chefes e Escoteiros do Grupo 53 pelos seus 25 anos de actividade ininterrupta, desejando novos progressos ao seu agrupamento.

PROVAS DE 1.ª CLASSE

ACIDENTES

14) *Saber como proceder perante os seguintes casos: Incêndio, Electrocussão, Rotura da canalização de água e gás, Asfixia.*

pelo Esc.-Chefe ANTÓNIO DE MIRA CALHAU
Químico e Instrutor de D. C. T.

INCÊNDIO

GENERALIDADES SOBRE O FOGO

(Continuação)

Líquidos voláteis e gases inertes

Os agentes extintores desta categoria mais usados são o tetracloreto de carbono, o brometo de metilo e o anidrido carbónico.

O primeiro é líquido e atinge o fogo ainda em estado líquido, o segundo é líquido à temperatura ordinária mas tão volátil que se evapora logo à saída do recipiente; o terceiro é gás.

Daqui resultam as suas principais diferenças.

O tetracloreto de carbono exige o emprego de uma bomba de pressão, de um gás inerte ou do próprio tetracloreto de carbono comprimido que o expulse do recipiente que o contém. O brometo de metilo é expulso inicialmente pela pressão de uma pequena carga de gás inerte logo reforçada pela tensão dos próprios vapores; o anidrido carbónico (CO_2) é armazenado sob fortes pressões tomando então o estado líquido e sai do recipiente espontâneamente sofrendo uma brusca expansão que provoca um grande arrefecimento e formando pequenas partículas sólidas devida à congelação do próprio anidrido carbónico. Os recipientes devem ser muito resistentes.

Todos estes agentes actuam principalmente por *asfixia*. O arrefecimento intervém um pouco no tetracloreto de carbono e no CO_2.

O tetracloreto de carbono decompõe-se pela água formando um ácido que corre as paredes dos recipientes, não devendo por isso ser guardado em lugares húmidos. A possibilidade de formação de três gases tóxicos: cloro, óxido de carbono e fosgénio torna-se de emprego perigoso, sobretudo em recintos fechados, *devendo só ser utilizado ao ar livre.*

O brometo de metilo *é também perigoso* pela possibilidade de formação de ácido bromídrico, bromo livre e bromofosgénio, *devendo só ser utilizado ao ar livre.*

O anidrido carbónico não sendo respirável não é tóxico. Só é perigoso se a concentração for tal que o ar não seja suficiente para alimentar a respiração.

Vantagens:

—Não sujam nem deterioram os objectos sobre que incidem, evaporando-se sem deixar vestígios;
—São maus condutores da electricidade.

Inconvenientes:

— Fàcilmente removíveis pelas correntes de ar, e até pelas provocadas pelo fogo;
— Toxidade acentuada em recintos fechados, de brometo de metilo e de tetracloreto de carbono.

Estas vantagens e inconvenientes condicionam o seu emprego.

São aconselháveis em fogos de electricidade e em líquidos inflamáveis, apenas no início e em pequenas extensões.

O tetracloreto de carbono é usado em pequenos fogos, em motores de automóveis, fogos que reunem as melhores condições para o emprego deste agente, fogo abrigado e *operador ao ar livre.*

c) — *Pós.*

A composição de pós extintores de fogo é muito variável e constitui segredo comercial.

Os pós são principalmente efectivos para fogos de electricidade e em metais leves e têm a vantagem de não danificar os objectos sobre os quais são expedidos.

APARELHOS EXTINTORES

As bombinhas e os extintores são meios de capacidade muito limitada, destinados ao emprego imediato contra *princípios de incêndio.*

As instalações permanentes são fixas, de capacidade maior ou menor, destinadas a proteger, de modo permanente, certos locais de importância especial, como por exemplo: fábricas, oficinas, etc.

A mangueira tem capacidade ilimitada e é usada sempre que o fogo exige largo emprego de água ou espuma.

a) — *Bombinhas.*

Trata-se de pequenas bombas manuais destinadas a serem usadas em pequenos fogos. O agente extintor é a água.

b) — *Extintores portáteis.*

1) — Água — O extintor consiste num depósito de água a qual é expelida pela pressão de um gás (em geral CO_2), que ou está armazenado numa cápsula *(extintor de cápsula)* ou é gerado pela reacção de ácido sulfúrico sobre o bicarbonato de sódio *(extintor de soda-ácido)*; este último tipo de extintor já não se utiliza devido à espuma estragar os objectos sobre os quais caia, devido à sua composição química.

2) — Espuma — É gerada pela reacção entre dois solutos aquosos que se põem em contacto no momento oportuno. Um deles é de sulfato de alumínio, o outro de bicarbonato de sódio, misturado com um estabilizador da espuma. A reacção química provoca a produção de anidrido carbónico que não só produz as bolhas indispensáveis para a espuma como expulsa esta do recipiente; é necessário invertê-los para se obter a saída da espuma.

3) — *Tetracloreto de carbono.*

O líquido pode ser expulso por bombagem directa, por pressão de um gás contido numa cápsula, por pressão de ar fornecida por uma bomba ou por pressão do próprio tetracloreto.

4) — *Brometo de metilo.*

Semelhante ao anterior.

5) — *Anidrido carbónico (neve carbónica).*

Os bocais caracterizam este tipo de extintor e destinam-se a diminuir a velocidade de saída do gás.

6) — *Pó.*

O pó é expelido por pressão de anidrido carbónico.

LUTA CONTRA O FOGO

Na luta contra o fogo deve-se em primeiro lugar:
— **Evitá-lo** — Tomando todas as precauções.

Desde que não tenha sido possível evitá-lo, cumpre:
— **Combatê-lo** — Empregando rápida e conscienciosamente os meios de ataque.

A luta contra o fogo depende da rapidez da intervenção. Assim:
No 1º. minuto o fogo apaga-se com um copo de água.
No 2º. minuto o fogo apaga-se com um balde de água.
No 3º. minuto o fogo apaga-se com uma tonelada de água.

Métodos de ataque:

1) — *Eliminar o combustível*
2) — *Arrefecer o ambiente*
3) — *Isolar do ar, abafando ou asfixiando.*

TIPOS DE INCÊNDIO E AGENTES EXTINTORES MAIS ACONSELHÁVEIS

Madeira, papel, roupas, tapetes, mobiliário—Extintores de água e de espuma.

Líquidos inflamáveis—Extintores de espuma, de anidrido carbónico e de pó.

Fogos de electricidade—Extintores de anidrido carbónico e de pó.

Incêndios em fatos de pessoas — Actuar rápidamente, deitando o sinistrado no chão, fazendo-o rebolar e enrolando-o num tapete, numa manta, num cortinado, etc.; ajustar bem ao corpo a cobertura.

Incêndios em habitações—No caso de incêndios em locais não visíveis de pavimentos e tabiques de madeira, denunciados em geral pelo aparecimento de fumos e cheiro a queimado, antes de mais nada localizar os focos pelo tacto, pondo em seguida a descoberto a região sinistrada e actuando directamente sobre ela com o jacto de água.

Para localização de fogos deste género torna-se muitas vezes necessário o levantamento de algumas tábuas dos pavimentos e a destruição da camada de estuque do revestimento dos tabiques, trabalho que deve ser executado com conhecimento e consciência para evitar estragos desnecessários. Machados, desforradeiras, croques e alavancas são, geralmente, as ferramentas usadas neste trabalho.

No caso de incêndio em chaminés, que se conhece pelo cheiro a fuligem, fumos intensos e faúlhas, fazer o ataque por abafamento tapando a saída exterior da chaminé com uma tela permanentemente molhada e fechando portas e janelas ou então usar jactos de agulheta.

(Continua na página 6)



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

Em breve vamos entrar num Novo Ano. Sempre que se fala em Ano Novo, sugere-nos logo a ideia de Vida Nova, embora, infelizmente, quase sempre a vida prossiga na rotina de sempre. Mas nós somos novos, jovens, não podemos sujeitar-nos a uma actividade sempre igual. Possuímos imaginação, vigor, inteligência e somos capazes de encetar com renovada coragem uma vida mais activa.

O Escotismo Português bem precisa de sangue novo. É contigo, jovem escoteiro, que temos de contar. Confia-nos as tuas opiniões. Esta página espera, com interesse, as tuas ideias e pareceres. Que entendes deve ser feito no Ano Novo? Escreve-nos sem demora.

Hoje, damos a palavra a um jovem escoteiro de Faro. António Norberto de Sousa Cunha, que nos falará de «Honestidade». Foi guia de patrulha e é um entusiasta. Parece-nos que não está hoje no efectivo. Mas oiçamo-lo!

Saudações do teu camarada

Sempre Pronto
LOBO VELHO

FALAS DE UM EX-GUIA

Não esqueçam a Boa-Acção!

Praticar uma B. A. é a coisa mais bonita que um rapaz, seja ou não escoteiro, pode fazer. Baden-Powell referiu-se à B. A. de uma maneira especial para que todo o Escoteiro sentisse ao mesmo tempo obrigação e prazer em a praticar. No meu grupo de escoteiros temos uma canção que diz:

«Praticar o bem
sem olhar a quem
é sempre a divisa
do bom Escoteiro».

De facto, todo o Escoteiro deve praticar diàriamente a sua B. A. sem olhar que está beneficiando este ou aquele, embora saiba que um é rico e outro é pobre. Porque procede o Escoteiro desta maneira? Simplesmente porque todo o bom escoteiro pratica a B. A. indistintamente e sem mira de qualquer recompensa.

Todo aquele que veste o nosso uniforme e recebe dinheiro por praticar qualquer B. A., não passa de um mau escoteiro, senão vejamos a opinião do Grande Chefe a este respeito:

A peste da gorgeta! Em toda a parte no-la pedem pelo mínimo serviço que devia ser feito por mera cortesia.

(Conclui na página 8)

Passou-se há muitos anos...

Percalços dum jogo nocturno

Uma noite saiu o grupo a passeio indo com ele dois lobitos, ainda muito pequenos, com quem o E. C. tinha solicitude especial.

Em determinada altura, depois de realizarem vários jogos nocturnos, o E. C. lembrou o jogo «Patrulha contra Patrulha», para o que dividiu o grupo em duas patrulhas, comandada uma pelo E. C. A e a outra pelo E. C., que agregou a si os dois lobitos, inexperientes naquelas «aventuras» nocturnas e um pouco assustados com a escuridão. Pegando-lhes nas mãos, disse-lhes:

— Venham vocês comigo para não caírem e magoarem-se.

E começou o jogo. O E. C., já porque tinha as duas mãos presas nas dos lobitos, já porque não queria dar sinal de sua presença ao «inimigo» não utilizou a sua lâmpada de bolso para ver o caminho.

Como se sabe, de noite as leis da perspectiva não podem observar-se, pelo que toda a cautela é pouca na escolha do caminho e, sobretudo, no cálculo das distâncias. Depois de andar algum tempo por entre o mato, sempre com os lobitos a reboque, o E. C. viu a fita branca dum caminho, que lhe parecia estar ali à beira, pelo que disse aos lobitos em voz baixa:

— Vamos por aquele caminho para vocês se não picarem nos tojos.

E avançou um pé... dando-se o inesperado: E. C. e os lobitos vieram de escantilhão por um talude abaixo, batendo aquele com a cabeça fortemente no chão e ficando meio atordoado, enquanto os lobitos lhe caíam em cheio em cima! É que o tal caminho, que parecia ao nível do solo que os três antes pisavam, se encontrava em nível bastante mais abaixo, o que explica o acidente.

Mas o E. C., apesar de ter «visto as estrelas», nem assim largou as mãos dos lobitos e ainda teve ânimo para ciciar:

— Chiu! que podem ouvir-nos!

Insígnias de aptidão

COLECCIONADOR DE SELOS

Insígnia: *uma lupa*

1) Ter coleccionado 1.000 selos postais, pelo menos, em boas condições.
2) Organizar a colecção com arte e sistemàticamente.
3) Identificar 12 selos apresentados pelo examinador e identificar marcas de água simples (filigranas).
4) Explicar o que significa impressão, sobrecarga, perfuração, cunho e carimbo de correio.

FILATELISTA

Para maiores de 15 anos

1) Ter coleccionado 2.000 selos postais, pelo menos, em boas condições e mostrar que começou a especializar-se em qualquer direcção.
2) Organizar a parte especializada da sua colecção num álbum de folhas soltas com os respectivos títulos.
3) Demonstrar que sabe identificar emissões, serrilha, marca de água, impressão, desenho e sombras.

★ ● ★

A HONESTIDADE

A honestidade é, sem sombra de dúvida, uma virtude, visto que não é possível pô-la em prática, sem se possuir uma certa dose de espírito de sacrifício, um alto conceito de amor do próximo e um sentimento de respeito pelos bens e direitos do mesmo. A sua prática é, incontestàvelmente, a única forma de proceder, que poderá levar uma sociedade a «viver bem» no sentido puro e moral da expressão; isto é: levar cada indivíduo a proceder de uma forma de que ele mesmo beneficie, e de que beneficiem também todos os que o rodeiam, tanto material, como moral e intelectualmente, segundo os casos. Pois, no seu íntegro cumprimento, ter-se-á de proceder imparcialmente quando se opina ou se julga, pondo-se em prática a verdade tanto em favor do próprio como contra, e, respeitar-se-ão os bens materiais, morais e intelectuais de outrém, uns, não os furtando ou deteriorando, outros, reconhecendo-os, admirando-os e respeitando-os.

Posto isto, chego à conclusão de que existem razões suficientes, para que todos nós, sem excepções, nos esforcemos por praticar, em nosso proveito e do nosso próximo, a virtude à qual alguém deu o nome de honestidade, e de que os homens hoje em dia parecem andar tão esquecidos.

NORBERTO CUNHA

TERTÚLIA DO DIRIGENTE

O CINEMA, TESTEMUNHA DO ABSURDO DO NOSSO MUNDO

O cinema ocupa nos nossos ócios um lugar privilegiado entre os engenhos motorizados (motocicletas, *scooters*, automóveis) e os bilhares eléctricos. A necessidade física de velocidade e de progresso encontra-se, apesar da atitude passiva do espectador, perante a sucessão rápida de imagens que dá a cada um, isolado na obscuridade no meio da multidão, a sua própria imagem e a dos seus semelhantes.

Nos últimos anos, um certo número de filmes de todas as proveniências têm abordado os problemas da juventude e muitos jovens têm-se conhecido e procurado identificar-se com actores tais como Marlon Brando ou James Dean.

Queria aqui mostrar como estes filmes colocam o problema, no plano dos jovens, do absurdo do nosso mundo actual.

A civilização moderna arrasta um certo comportamento dos indivíduos de que o cinema se faz testemunha e é normal começar pela América, país onde o progresso técnico tem penetrado mais nos hábitos comuns.

Em cinco anos, Marlon Brando e James Dean tornaram-se os ídolos da juventude americana, e cada um procura imitar a sua maneira de vestir, de cortar o cabelo, de andar, divertir-se ou correr. E, no entanto, nem um nem outro criou um novo tipo de jovem, mas, na América ultra-civilizada, foram eles os fermentos desta «rebelião» sem origem, como o filme de Nicholas Ray, *A Fúria de Viver*, tão bem demonstrou.

A América tem por valores essenciais, o frigorífico, o ar condicionado, a televisão e as viaturas potentes; está preocupada com as viagens interplanetárias a fim de alargar o seu brilho industrial, sobre ela lança-se a sombra do medo atómico. Neste ambiente de super-conforto, a mocidade americana procura agarrar-se a outra coisa, suprimir o seu aborrecimento, a sua angústia mesmo, por um culto desenfreado da violência e do ritmo (*rock'n roll*, etc.).

Marlon Brando, no *Baile dos Malditos* (1953), aparece com um capacete e botas altas numa enorme motocicleta, muitos jovens viram aí a sua própria imagem, uma espécie de deus centauro dando valor ao seu próprio comportamento. Dean deu ao retrato de Brando uma sensibilidade romântica que a sua morte trágica, signo do destino, mais acentuou ainda. *A Leste do Paraíso* ou em *Fúria de Viver*, James Dean encarna este adolescente apressado de viver e de encontrar razões de existir, na luta perpétua contra o meio dos adultos, que lhe não dão resposta às perguntas que formula.

Sementes de Violência (Richard Brooks, (1955) dá-nos um exemplo do gosto da juventude americana pelos jogos em bandos e pelas sociedades secretas. A agitação, a revolta, que toma por vezes o carácter absurdo «chickens-parties» de *A Fúria de Viver*. As manifestações delirantes, as colecções de relíquias, as sessões de espiritismo e as peregrinações ao cemitério, que se realizam na América desde a morte de James Dean, mostram bem que os jovens americanos procuram um equilíbrio que o super-conforto não lhes dá.

A história do *rock'n roll*, a brutalidade das corridas da morte, os tumultos à navalha, e as liquidações de contas a soco, não são mais do que sinais de uma geração que procura o seu caminho, que pede em vão uma resposta aos mais velhos e não encontrando significação no mundo, nenhuma verdadeira razão de viver, rejeita tudo em bloco, calca aos pés, profana e desembaraça-se assim da sua inquietação interior. É verdadeiramente uma busca desesperada. Busca, revolta ou fuga, tudo isto se encontra nos nossos países ocidentais.

Na Itália, Fellini realizou, em 1953, *I Vitelloni*. São indivíduos profundamente isolados em face do mundo que ilude o seu aborrecimento com projectos nunca realizados, passeios sem destino, distracções de cervejaria e devaneios irrealizáveis. Menos violentos que os americanos, contentam-se em discutir altos problemas sem qualquer objectivo ou resultado, em dançar e em beber, aguardando desesperadamente qualquer coisa que nunca mais chega. Esta espectativa vã, este vazio espiritual, este aborrecimento, este aniquilamento encontra-se em Espanha com o filme de J. A. Bardem, *Rua Principal* (1956). Esta aposta estúpida que vai fazer acreditar a uma rapariga feia e envelhecida que é amada e vai ser esposada. É também uma busca de um sentido a dar à existência.

Os alemães, com os *Semi-Homens* de Georges Tressler (1955) voltam a tomar o tema de *Fúria de Viver*. Horst Bucholz, o James Dean alemão, está a meio caminho entre ele e Marlon Brando. Ataques à mão armada, roubos de viaturas, *rock'n roll*. E isto quando a Alemanha Ocidental lançada a fundo no progresso industrial, ruínas levantadas, com nível de vida elevado e um muito grande conformismo burguês, nos tinha habituado a filmes adocicados e sem interesse. Também a revolta aqui dos jovens, a delinquência juvenil, é o resultado de uma civilização ùnicamente fundada sobre a técnica.

Em 1953, André Cayatte, em França, com *Antes do Dilúvio* explicou também a delinquência juvenil pela profunda inquietação da nossa sociedade que perde os seus valores espirituais. No entanto, depois deste filme o tema não voltou a ser tratado. O cinema francês não tem encontrado mito exemplar como James Dean. A tendência é diferente e a busca é antes uma autenticidade interior: Astruc, *Os Maus Encontros* (1955); R. Vadim, *E Deus Criou a Mulher* (1956), *Vagabundos* (1957), *Aventura em Veneza* (1958).

A inquietação estende-se também para o norte e parece antes, na Suécia pelo menos, ser a consequência de um mundo oprimido pelo pecado e procurando na sexualidade e no misticismo uma evasão: Arne Mattson, *Ela só dansou um verão, Pelos Ardentes amores da minha mocidade;* M. Ingmar Bergman, *A Prisão, Jogos de Verão, Mónica*, etc. Além disso, a Suécia tão calma, sem guerra desde há 150 anos, com tão alto nível de vida e tão alto nível técnico, foi objecto, na noite de Natal de 1956, de actos de violência. Cinco mil jovens espalharam-se nas ruas de Estocolmo, agrediram transeuntes, partiram vitrinas, arremessaram papéis inflamados molhados em gasolina e tudo isto sem razão e sem fim. A violência instalou-se no seio do conforto, os jovens agruparam-se em *gangs*—os *Skinknutters* (fatos de couro) são os ociosos das classes populares, os *Dixie* agrupam os *snobs* das classes superiores. Os primeiros roubam viaturas, os segundos partem móveis dos pais no decorrer de divertimentos-surpresa (*surprises-parties*) furibundos, mas todos com o culto de Marlon Brando, James Dean e do *rock'n roll*.

Será isto particular aos países ocidentais? Não parece e a Polónia poderá fornecer-nos casos análogos. O filme *Os cinco da rua Barska* (1954) mostra-nos também casos de delinquência juvenil. Os incidentes de Budapeste em Novembro de 1956, os de Varsóvia no Outono último, mostram-nos uma quanti-

(Conclui na página 8)

ACIDENTES

(Continuação da página 3)

Nos incêndios em caves ou dependências no subsolo, denunciados pela existência de muitos fumos, avançar com máscara ou pelo menos com um lenço humedecido sobre as vias respiratórias, acompanhado de jactos de agulheta. Identificar o incêndio, salvar vidas se as houver e depois iniciar o ataque, usando os meios mais apropriados para extinção das substâncias incendiadas.

Incêndios em depósitos de forragens, trapos, papéis, carvão e estâncias de madeiras — A grande quantidade destes produtos nos depósitos, permite grande incremento das chamas em curto espaço de tempo, com perigo eminente para as habitações vizinhas. O ataque para este tipo de incêndio é feito com jactos de água.

Na medida em que é feito o ataque devem remover-se todos os materiais, separando os já extintos, dos ainda em combustão.

Incêndios em produtos químicos — Como é de prever que sejam inflamáveis, devem colher-se sempre informações sobre as suas naturezas não só para orientação dos meios de ataque a usar, como para serem tomadas as medidas de protecção convenientes.

No caso de álcool, acetona, éter, petróleo e óleos em pequenas quantidades, usar extintores de neve carbónica, de espuma e de pó, e terra ou areia. A água pulverizada na extinção de fogos desta natureza vem sendo igualmente aplicada com bons resultados. A ventilação do local é indispensável para evitar a formação de misturas explosivas.

Há em todos os casos que actuar com jactos de água sobre os depósitos vizinhos para impedir o seu aquecimento.

No caso da existência de carboneto de cálcio *não usar água* para impedir a formação de gás acetileno com perigo de explosão. Neste caso é aconselhável o uso de areia ou terra seca.

Incêndios em restolho ou em matas — Atacam-se com jactos de agulheta, de preferência pulverizados, vassouras de junco, ramos verdes ou ainda com pás e terra. Podem ser usadas bombinhas portáteis transportadas às costas ou em carrinhos, no caso de pequenos fogos.

No caso de matas em que o fogo tenha tomado grande incremento deve abrir-se uma clareira, abatendo árvores ou fazer uma trincheira deitando as terras para o lado do fogo.

Incêndios em automóveis — Têm normalmente início no carburador.

Actuar com extintores de espuma, de neve carbónica, de tetracloreto de carbono, de brometo de metilo, de pó ou terra.

Incêndios provenientes de gás — Não há perigo de explosão, mesmo no caso de rotura de grandes dimensões, desde que se verifique em locais bem ventilados e arejados. Em recinto fechado há perigo de intoxicação e de explosão, não se devendo usar qualquer chama como iluminação.

Dentro de um edifício, fechar as torneiras de passagem privativas do inquilino ou as da escada e estrangular a canalização em chumbo junto à rotura. Na impossibilidade de o fazer, empregar terra ou areia molhada sobre a rotura e comunicar o facto para os serviços da especialidade.

ELECTROCUSSÃO

A electrocussão é devida à vítima estar submetida à acção da corrente eléctrica durante um certo tempo; conforme a potência da corrente assim a vítima necessitará de socorros mais ou menos completos.

A primeira actuação do socorrista é fazer desligar a corrente eléctrica a que a vítima está submetida ou afastá-la dela, utilizando um material isolador (madeira seca, borracha, porcelana, etc.) e impedir que alguém toque na vítima antes de estar afastada da corrente.

Seguidamente a vítima será submetida, caso necessário, a respiração artificial, ao tratamento adequado às queimaduras e dar-se-lhe-á estimulantes.

ROTURA DA CANALIZAÇÃO DE ÁGUA E GÁS

A rotura da canalização de água nota-se pelo aparecimento duma mancha na parede, dentro da qual o cano se rompeu; deve fechar-se imediatamente a torneira do contador da água e proceder-se-á à reparação do cano.

Caso a rotura do cano se dê antes do contador, deve fechar-se a torneira existente na escada do prédio e comunicar-se o caso aos serviços respectivos para que procedam à sua reparação.

A reparação provisória dum cano pode fazer-se utilizando sabão ou pequeno taco de madeira, a fim de impedir a saída da água.

No caso da rotura dum cano de gás, o problema é mais perigoso, não só pelas possibilidades duma explosão, mas também por o gás ser tóxico.

Deve fechar-se imediatamente o contador e participar-se a fuga de gás para a companhia fornecedora.

Uma rotura dum cano de gás pode tapar-se provisòriamente com sabão ou com um pequeno taco de madeira.

Deve arejar-se imediatamente as casas e impedir que se acenda qualquer chama, pois tal facto pode originar uma explosão, no caso da quantidade de gás existente no ar ser a necessária para formar com este uma mistura explosiva.

Nunca se deve procurar uma fuga de gás utilizando uma chama, mas sim água contendo sabão; no local da rotura formar-se-á uma bola, devido ao sabão contido na água.

ASFIXIA

A asfixia ou sufocação é um acidente produzido pela supressão total ou parcial da respiração, devidas a causas mecânicas ou tóxicas.

A asfixia pode ter diversas causas, sendo as mais frequentes as seguintes:

— Obstrução das vias respiratórias por corpos estranhos.
— Submersão (afogamento).
— Gases e fumos (gás de iluminação, óxido de carbono, gases e fumos industriais, etc.).
— Soterramento.
— Estrangulamento.
— Electrocussão.
— Doenças (difteria, tétano, ataques epilépticos, etc.).

SINTOMATOLOGIA

Os sinais apresentados pelos sinistrados diferem com o grau de obstrução respiratória. Na asfixia parcial os primeiros sintomas são a dificuldade respiratória e a agitação.

A vítima apresenta respiração convulsiva, mostra grande agitação, procurando remover a causa da obstrução a obter ar.

A respiração torna-se ruidosa, as veias do pescoço ficam salientes e túrgidas, os lábios e as unhas tomam cor azulada e os olhos apresentam-se salientes e raiados de sangue. Quando este estado se prolonga o indivíduo fica inconsciente e entra na asfixia completa.

Esta dura mais ou menos tempo, conforme o grau de obstrução, e não ultrapassa 5 minutos. O sinistrado, terminada a luta, apresenta inconsciência absoluta e a respiração cessa por completo. Passado pouco tempo o coração deixa de bater.

PRIMEIRO SOCORRO

As vítimas por asfixia *exigem socorros com a máxima urgência*.

Normas a seguir:

1 — Retirar urgentemente a vítima do local do acidente e transportá-la para local arejado.

2 — Extrair os corpos estranhos existentes no nariz e boca, desobstruindo as vias aéreas superiores.

3 — Desapertar o vestuário, aquecer a vítima e friccioná-la para estimular a circulação periférica.

4 — Aplicar prontamente a respiração artificial, que se deve prolongar até se obter a respiração normal.

A respiração artificial não deve ser interrompida sem que a vítima respire normalmente ou apareçam sinais evidentes de morte—rigidez cadavérica—nem mesmo quando se faz o transporte da vítima para o hospital.

RESPIRAÇÃO ARTIFICIAL

Existem vários métodos para reanimar um sinistrado.

Vamos apresentar apenas dois: o de *Silvester* e o de *Holgern-Nielsen*. (H. N.).

MÉTODO DE SILVESTER

Posição do acidentado — deitado de costas, cabeça inclinada para um dos lados, braços abertos em cruz levemente puxados para cima.

Posição do socorrista — com os dois joelhos em terra um de cada lado da cabeça da vítima, mãos segurando-lhe os punhos, tronco levemente para a frente.

Respiração artificial, 1.º Tempo—Levanta os braços da vítima, obrigando-os a dobrarem-se pelo cotovelo.

2.º Tempo—Cruza-os sobre o peito do doente.

(Conclui na página 7)

II ACAMPAMENTO INTERNACIONAL DE AMIZADE

(Continuação da página 2)

a) Aos seus contactos pessoais;
b) À objectividade dos seus relatórios orais ou escritos?

5. Alguma vez recusou qualquer benefício, remuneração ou salário a que não tivesse direito?
6. Está pronto a ajudar, com a sua experiência profissional, aqueles que dela tenham necessidade?
7. Sois vós alguém cujo conselho é solicitado com prazer?
8. Tendes paciência suficiente para ajudar os outros?
9. Sois delicado e cortês no desempenho da vossa profissão?
10. Trabalhais com prazer e com um sorriso?
11. Tendes um sorriso «comercial» ou estais realmente de bom humor e sociável?
12. É possível ser escrupulosamente honesto? Permite o uso de métodos desonestos quando são práticas comuns (comissões imerecidas, fraudes, etc...)?
13. Compreendeis o que significa concorrência? Fazeis alguma coisa para tornar a concorrência menos desumana?
14. Fazeis o possível por pôr a vossa profissão ao serviço da comunidade a que pertenceis? Como?

II. Relações Humanas

(Superiores, Iguais, Subordinados)

1. Sois capaz de respeitar os superiores e obedecer-lhes com dignidade, sem servilismo e sem revolta?
2. Procura ser zeloso por orgulho, para humilhar os outros?
3. Cuida da formação profissional daqueles que consigo trabalham?
4. Tem o cuidado de ajudar os principiantes no treino profissional? Sabe acolher com bondade e solicitude um principiante?
5. Faz alguma coisa a favor da promoção daqueles que trabalham consigo?
6. Faz alguma coisa para que aqueles que o seguem na sua profissão possam beneficiar da sua experiência e das dificuldades que tem encontrado?
7. Os seus colegas estão por vezes desanimados. Como procura levantar-lhes o ânimo?
8. Sabe dar uma ordem, fazer-se respeitar, dirigir com dignidade?
9. No Escotismo a disciplina é aceite voluntàriamente. Na sua profissão como faz aceitar por seus subordinados as decisões que tem de tomar ou de transmitir?
10. Procura dar aos outros o prazer das responsabilidades? Isso ajuda-os? Porquê?

(*Continua no próximo número*)

NOITE DO GRUPO 53

Em virtude do Grupo 53 ter comemorado as suas *Bodas de Prata*, a Fraternal resolveu dedicar a próxima Noite, que será na sexta-feira, dia 16 de Janeiro corrente, aos «Antigos» deste Grupo.

Convidamos, portanto, todos os Antigos Escoteiros do Grupo 53 para comparecerem na nossa Sede na Rua de S. Paulo, 254, 1.º, às 21.30 horas, para recordarmos os vinte cinco anos de actividade do seu agrupamento.

Agradecemos que sejam portadores de fotografias antigas das actividades do Grupo e de outras recordações que, porventura, possuam.

O Chefe Armando Lino já nos prometeu a sua colaboração prometendo-nos fotografias e outras recordações.

NOITE DO GRUPO 2

(Conclusão da página anterior)

Todos os presentes manifestaram satisfação pela iniciativa de organizar estas agradáveis reuniões, cuja repetição pediram, votos que tinham já sido formulados pelos companheiros do Grupo 1, quando da sua reunião.

ASSINE E LEIA:

THE FELLOWSHIP
BULLETIN
DE L'AMITIÉ

Escrito em Francês e em Inglês
A Revista dos Antigos Escoteiros
Esc. 17$50 por ano. Pedidos à Fraternal.

N.º 6 JANEIRO-FEVEREIRO 1959

BOLETIM DA FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

RUA DE S. PAULO, 254, 1.º — Telef. 2 13 53 — LISBOA 2

NO NOVO ANO

A Fraternal vai entrar num novo ano de actividade, que promete constituir um período de desenvolvimento notável, que esperamos marque um sulco de progresso no Movimento dos Antigos Escoteiros. A actual Direcção, apesar de há quase um ano se encontrar em actividade, só agora tem possibilidade de executar o seu programa de trabalhos, que se estão já desenvolvendo com agrado de todos aqueles que têm tido oportunidade de cooperar nas iniciativas promovidas.

Mas a Fraternal precisa de ser um elo forte entre todos os Antigos Escoteiros, de tal forma que os ideais de Lealdade, Espírito de Serviço, Companheirismo e Boa Vontade, que todos alimentamos, possam ser fomentados na Sociedade em que vivemos, gerando um espírito novo de tolerância e respeito mútuo tão necessário à vida nacional.

Para isso, continuamos a lançar um apelo para que mais Antigos Escoteiros se filiem na Fraternal. Cada um de nós deve constituir-se em propagandista do nosso Movimento, conquistando novas adesões, trazendo mais companheiros.

Um dos planos em vias de execução é a criação de Núcleos. Esperamos que dentro de breves dias se formem em terras algarvias alguns Núcleos de Antigos Escoteiros. O nosso Delegado no Algarve trabalha nesse sentido com o seu tradicional entusiasmo. Mas queremos ver nascer Núcleos da Fraternal noutras terras de Portugal Continental e Ultramarino. Onde quer que haja três ou quatro Antigos Escoteiros se poderá formar um Núcleo da Fraternal, um grupo de Companheiros, que se reunirá com maior ou menor regularidade, num espírito de fidelidade ao Compromisso de Honra de Escoteiro, e, se isso for possível, patrocinando o grupo local de Escoteiros ou fomentando a sua reorganização.

Estamos certos de que em Sintra, Setúbal, Beja, Torres Vedras, Entroncamento, Santarém, Coimbra, Figueira da Foz, Aveiro, Fundão, Covilhã, Leiria, Gaia, Porto, Braga e noutras terras do país e das Ilhas, poderão surgir esses Núcleos. É preciso apenas que alguém tome a iniciativa e esse alguém poderá mesmo ser o estimado leitor.

A DIRECÇÃO

II Acampamento Internacional de Amizade

Angers (França) — Agosto de 1959

Conforme já anunciámos, em Agosto p. f. realiza-se o II Acampamento Internacional de Amizade, actividade promovida pela «International Fellowship of Former Scouts and Guides» ou seja a Federação Mundial dos Antigos Escoteiros e Guias, organismo de que a nossa Fraternal é membro fundador. Para as Jornadas de Estudos Internacionais, que na mesma altura se realizam, aquela Federação fez distribuir um Questionário com diversas perguntas subordinadas ao tema das Conferências: *O Espírito Escoteiro na Profissão*.

Esse Questionário é apresentado com as seguintes palavras:

Um Escoteiro não tem medo. Uma Guia não tem medo. No entanto, qualquer de vós pode recear a extensão do questionário. Mas não é indispensável estudar cada uma das perguntas. Podeis escolher aquelas que correspondam melhor à vossa profissão, ao vosso temperamento nacional, às vossas preocupações nacionais. Além disso, tendes ainda alguns meses à vossa frente. As Fraternais que tenham uma reunião regular, mensalmente, por exemplo, poderão, durante estes meses (e porque não depois, nos anos seguintes?) estudar dois ou três destes problemas por reunião.

O principal fim destas perguntas é dar temas para meditação. O Comissário Guérin-Desjardins, muito judiciosamente, nota: «Espero que este problema será considerado séria e corajosamente, quer dizer muito concretamente e sem devaneios onde a *boa vontade* tome o lugar das soluções»...

Sabemos que um Escoteiro não gosta muito de escrever. Mesmo um Escoteiro Adulto! Todavia, o Conselho de Amizade confia em que os mais corajosos — e as mais corajosas — comunicarão pouco a pouco os frutos do seu trabalho aos outros para que todos possam deles aproveitar e assim as jornadas de Angers de 1959 sejam melhor preparadas e portanto mais frutuosas. As comunicações podem ser enviadas a

Madame Cornil
524, Avenue Louise
Bruxelles, Belgique.

Um Escoteiro, uma Guia, não fazem apenas metade das coisas. Portanto: Ao trabalho, corajosamente e alegremente, a fim de que, por nossa parte, possamos *deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrámos* como dizia o nosso inesquecível B.-P.

Questionário Preparatório das Jornadas de Estudos Internacionais

I. Eu e a Profissão

1. Os lemas *Sempre Pronto, O Melhor Possível, Servir* têm alguma influência na nossa vida profissional?
2. Como Escoteiro ou como Guia aprendeu a observar. Isso terá sido útil no exercício da profissão?
3. A sua profissão está ao serviço da sua família ou, pelo contrário, é sua família que está ao serviço da sua profissão?
4. É completamente leal no exercício da sua profissão? Esta lealdade vai até ao ponto de dar informações completas sobre o seu serviço, do trabalho que executa e do produto que vende? Compreende a importância e utilidade desta lealdade no que se refere:

(Continua na página 4)

NOITE DO GRUPO 2

Em 12 de Dezembro último, efectuou-se a anunciada noite dos antigos escoteiros do Grupo n.º 2. Compareceram na nossa sede os srs. António Xavier de Brito, Joaquim Amâncio Salgueiro Jr., Américo Tavares Ferreira, Vasco Carvalho Pedroso, José Dionísio dos Santos, Luís António dos Santos, Eduardo Ribeiro, Eduardo Quintino Pinheiro e João Madeira Leitão, actual chefe do Grupo. Também se encontrava presente o nosso companheiro Ernesto Clímaco do Nascimento, da Direcção da Fraternal.

A sala nobre encontrava-se decorada com velhos estandartes e algumas taças, relíquias que recordam a história do segundo grupo fundado no país.

Quintino Pinheiro, vice-presidente da Direcção da Fraternal, nessa qualidade e como «antigo» do 2, disse dos objectivos da reunião e da satisfação que a Fraternal sentia em receber companheiros que pertenceram ao «velho dois».

As palavras introdutórias estiveram a cargo do companheiro António Xavier de Brito, que foi um dos primeiros membros do 2, tendo-se referido à fundação do grupo e evocado a figura do Comandante Melo Machado, lembrando a extraordinária dedicação e entusiasmo com que chefiou e organizou a unidade. Lembrou ainda que o primeiro Compromisso de Honra foi realizado no velho Coliseu da Rua da Palma, no dia de Natal de 1912, numa grande festa a que assistiu numeroso público e muitas crianças, às quais no final foi feita grande distribuição de guloseimas e bolos, oferecidos pelo comércio de Lisboa.

Disse ainda que, naquela época, os escoteiros não eram ainda vistos com simpatia pelo público, que desconhecia o Movimento. Porém, no movimento revolucionário de 14 de Maio de 1915, os escoteiros prestaram tão relevantes serviços no socorro de feridos, que o povo modificou totalmente a sua atitude para com os nossos rapazes, passando a admirá-los e a dedicar-lhes o maior carinho.

A conversa generalizou-se e foram recordados diversos episódios ligados à história do Grupo 2. O actual Chefe apresentou diversas fotografias de épocas recuadas até às actuais e o companheiro Quintino Pinheiro outro numeroso lote. Essas fotografias serviram para recordar antigos companheiros, que animaram as fileiras do grupo 2, tendo sido recordados alguns que já partiram para a eternidade.

(Conclui na página 4)

TERTÚLIA

Está sendo acolhida com muito agrado a iniciativa do almoço de tertúlia realizado uma vez por mês, estando em princípio marcado para isso o dia 23, por analogia com o dia 23 de Abril, Dia do Escoteiro.

A última Tertúlia efectuou-se no dia 19 de Dezembro passado. Embora a proximidade do Natal tivesse impedido, por motivos profissionais, a presença de muitos companheiros, e alguns nos manifestaram o seu pesar pela ausência, ainda assim pudemos ter o privilégio da presença de dezoito amigos, o mesmo número de Novembro, que tomaram o seu almoço em boa confraternização. Foram eles Prof. Aníbal Gonçalves Ramos, António Xavier de Brito, Aurélio Bravo, Capitolino Ferreira Macedo, Eduardo Quintino Pinheiro, Eduardo Ribeiro, Eugénio Ribeiro Nunes, Evaristo Pereira, Joel Ribeiro, Eng.º Jorge P. Jardim, J. Dionísio dos Santos, Júlio dos S. Trindade, Luís Simões Aurélio, Pedro Maria Lopes, Renato Ferrão, Rui da Silva Marques, Walter John Westood e Wolf Karl.

O PRÓXIMO ENCONTRO

A próxima Tertúlia realizar-se-á no dia 23 de Janeiro corrente, sexta-feira, no Restaurante Internacional, Rua do Crucifixo, 27, das 12.30 às 14.30 horas. A qualquer momento que o companheiro chegue tomará o seu lugar na mesa e mandará vir o almoço que entender. Não há discursos, mas durante o almoço, tal como tem acontecido, serão lembrados, em conversa, companheiros ausentes, factos da juventude, incidentes curiosos e, sobretudo, reencontrado velhos amigos. Venha almoçar connosco no dia 23! Tome nota. Contamos com a sua presença!

ACIDENTES

(Conclusão da página 7)

3.º Tempo — Inclina-se para a frente, braços estendidos de forma a apoiar o peso do corpo sobre o acidentado.

4.º Tempo—Recua o tronco.

5.º Tempo—Levanta-lhe os braços.

6.º Tempo—Coloca-os na posição inicial.

Deve ser aplicado este método nas pessoas que se não possam deitar de bruços por causa de feridas na parte anterior do corpo.

MÉTODO DE HOLGERN-NIELSEN

Posição do acidentado—deitado de bruços com as mãos debaixo da cabeça, uma sobre a outra, de palma virada para baixo, cabeça sobre um dos lados, pernas estendidas.

Se o indivíduo se encontra deitado de costas o socorrista coloca um joelho em terra, virado para o doente e junto da cabeça dele, estende-lhe o braço do lado em que tem o joelho em terra para cima, ficando o outro ao longo do corpo. Com a outra mão, faz rodar o corpo sobre o lado do membro estendido, levantando-lhe o ombro contrário. Então a mão que segura o membro estendido, larga-o e vai apoiar a testa do doente. Em seguida coloca-o na posição indicada.

Posição do socorrista

Um joelho em terra, junto da cabeça do acidentado e o pé junto dos cotovelos da vítima.

Respiração artificial

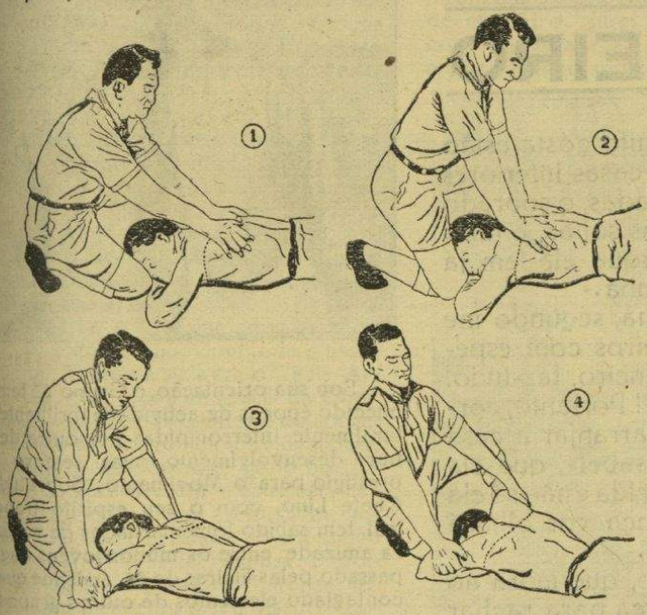


FIG. 1—1.º Tempo—Apoio das mãos espalmadas sobre as omoplatas (ossos das costas).

FIG. 2—2.º e 3.º Tempos—O peso do corpo vai passando a pouco e pouco para cima das mãos pela flexão do tronco à frente.

FIG. 3—4.º Tempo—O tronco recua ao mesmo tempo que as mãos descem até aos cotovelos.

FIG. 4—5.º Tempo—Levantar os cotovelos.
6.º Tempo—Repõem-se na sua posição inicial.

NOTAS

— O ritmo respiratório deve ser de 12 a 15 respirações por minuto.

— Para crianças à volta dos 10 anos o método é igual mas a respiração é feita apenas com as pontas dos dedos da mão unidos.

— Para crianças com idade à volta de 1 ano, o socorrista senta-se com as pernas abertas e estendidas, colocando a criança no meio dele com a cabeça voltada para si e a expiração é feita apenas com os polegares.

— Nas crianças o ritmo respiratório deve ser maior.

— Se houver fracturas de costelas, só se fazem os movimentos inspiratórios (4-5-6) não deixando todavia de contar os três tempos expiratórios, (1-2-3).

— Se houver fracturas de membros, far-se-ão apenas os movimentos expiratórios (1-2-3) contando os tempos inspiratórios (4-5-6).

O CINEMA, TESTEMUNHA DO ABSURDO DO NOSSO MUNDO

(Conclusão da página 5)

dade de jovens tomando uma parte activa na desordem, mas ùnicamente para marcar a sua insatisfação e sem fim político. Varsóvia tem os seus *gangs* de blusa de couro, os seus amadores de *rock'n roll*, os seus «hooligans» opondo-se ao conformismo social e fazendo actos de violência anárquicos.

Os «Teddy-boys» de Londres e dos países anglo-saxões assaltam os transeuntes. Em Haia, em Viena, em Sidnei, produzem-se desordens análogas (1).

Tudo isto, que certos filmes recentes testemunham, é bem a inquietação, o furor e o desespero dos jovens que procuram adaptar-se a um mundo desumano, incompreensível e absolutamente impermeável aos valores espirituais, um mundo vazio de significação e no qual não existe mais razão válida de viver e de agir.

JEAN MICHAL

1) Um novo filme japonês, *Paixões Juvenis*, dá conta do mesmo mal e lembra *A Fúria de Viver*.

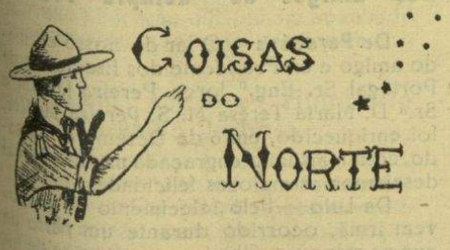
Transcrito e traduzido do francês da revista «L'Équipe», da Divisão Caminheira dos E. U. de France.

N. da R. — Diversos títulos de filmes citados neste artigo são a tradução literal dos títulos franceses, por não terem sido ainda apresentados em Portugal.

MÁQUINAS DE ESCREVER SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS

QUINTINO · MEIO SECULO AO SERVIÇO DA TÉCNICA DE MÁQUINAS

QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA



Acampamento Regional

Nos passados dias 8 e 9 de Novembro, foi levado a efeito pela Região do Norte um Acampamento no Lugar de Mira Pia em Oliveira do Douro, tendo comparecido todos os grupos daquela região, onde deram por terminadas as actividades de campo na presente época.

Foram efectuadas provas de orientação, sinalagem e outras, sendo montada uma ponte «tipo lusitana».

A festa de campo que foi muito concorrida, teve a abrilhantá-la a apresentação do Grupo n.º 41, completamente remodelado, tendo prestado Compromisso de Honra 11 rapazes deste Grupo.

VAI SER PRODUZIDO UM FILME SOBRE A VIDA E OBRA DE BADEN-POWELL

Vai ser realizado um filme sobre a vida e obra do Fundador do Escotismo. A iniciativa partiu do realizador Cecil B. De Mille, tendo a Associação dos Escoteiros de Inglaterra resolvido apoiar o magnate no seu novo filme, cujo argumento foi revisto e aprovado pela viúva do Chefe Mundial.

De Mille, o extraordinário realizador de «Os Dez Mandamentos», ao anunciar este seu próximo filme, afirmou que há 20 anos acalentava o sonho de produzir um filme sobre a vida de Baden-Powell. Dada a grande competência de Cecil De Mille, podemos já ter a certeza de que B.-P. terá um filme que o vai imortalizar.

NOVAS PERSPECTIVAS PARA OS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Chega-nos uma notícia agradável, embora não tenhamos ainda elementos suficientes para avaliar o seu fundamento. A Direcção dos Escoteiros de Portugal está decidida a procurar solução para a grave crise que o Movimento atravessa. Sabemos que esta notícia encherá de esperança muitos daqueles que confiam no Escotismo e viam com inquietação a decadência do Movimento, inquietação que era também sentida por aqueles sobre cujos ombros pesa a responsabilidade da orientação associativa. Sinceramente nos alegramos com tão auspiciosa notícia, esperando que ela se torne realidade através de deliberações oportunas e medidas justas.

* * *

A primeira deliberação, que podemos já divulgar, é que vai ser nomeado Chefe do Núcleo de Lisboa dos Escoteiros de Portugal, o sr. Prof. Pedro Joaquim Cascales Soro Painho, assistente da cadeira de psicologia infantil da Escola do Magistério Primário.

Embora não tenhamos o prazer de conhecer o novo Chefe de Núcleo, as suas qualificações garantem-nos que terá facilidade em apreender o espírito e métodos do Escotismo — se é que os não conhece já — e iniciar uma actividade orientada no sentido de formar caracteres escoteiros nos rapazes dos Grupos de Lisboa, desde que possa dar ao Movimento aquela atenção de que ele tanto carece no momento presente.

PÁGINA DO ESCOTEIRO

Não esqueçamos a Boa Acção!

(Conclusão da página 4)

O Escoteiro nunca aceita gratificação, excepto em paga de trabalho. Por vezes é difícil recusá-la, mas o escoteiro não tem senão que dizer: «Muito obrigado, mas como escoteiro não me é permitido aceitar recompensa por pequenos serviços. A gratificação coloca mal todo aquele que a recebe.

Não se pode trabalhar para alguém como amigo se se pensa quanto se lhe vai pedir de gratificação ou se ele está já a pensar quanto nos há-de dar. E todo o serviço que o Escoteiro presta a outrém deve ser feito como amigo.

Portanto, procurai fazer todos os dias uma B. A., ide mesmo ao seu encontro, porque assim tornareis, pela vossa parte, o mundo um bocadinho melhor.

Eu sei meus caros amigos, que às vezes se torna difícil praticar a B. A. diária, mas quero lembrar que, por mais pequenina que ela seja, como ajudar um cego a atravessar uma rua, tirar do passeio uma casca de laranja ou de banana, dar lugar no eléctrico a uma pessoa idosa, etc., é sempre uma Boa Acção.

Mas acontece, frequentemente, que passam os dias e nem a B. A. pequenina surge e, portanto, não foi possível praticar o 3.º artigo da Lei.

Para obviar esta falta, pode a patrulha promover, de quando em quando, uma B. A. colectiva de maior valor. Vós já fizestes reparo, com certeza, na casa da «Ti Isabel». A cancela está encangalhada, as flores de que ela tanto gosta estão mal arranjadas, as casas interiores precisam de ser caiadas, o sobrado tem algumas tábuas soltas, e tudo isto porquê? — Porque ela tem já 70 anos e vive sòzinha.

Na vossa patrulha, segundo me disseram, há escoteiros com especialidades de jardineiro, faz-tudo, carpinteiro, eu sei lá! Portanto, corram sem demora a arranjar a casa e o jardim da «Ti Isabel», que ela ficará muito agradecida e não só ela mas toda a vizinhança vos olhará com muita simpatia.

O velho António, que mora no casal, já não tem força para rachar a lenha. Porque não vai a vossa patrulha rachá-la quando ele precisar?

Estamos no mês do Natal, porque não fazem brinquedos para dar às criancinhas cujos pais não têm dinheiro para comprá-los?

Os escoteiros do meu Grupo costumam, nesta quadra do ano, pedir pelas pessoas de família e amigos, dinheiro para a B. A. do Natal e assim contemplam muitas criancinhas pobres com um almoço, roupas, e até uma festa para as alegrar; duma vez, sei eu, beneficiaram mais de duzentas.

É claro, as B. A. colectivas deste género requerem muito esforço, mas que importa isso se sabemos que estamos contribuindo para o bem estar de muita gente!

Portanto, caros amigos, mãos à obra e que esta quadra do Natal vos seja propícia para as vossas Boas Acções.

Boa Caça
PATA DE LOBO

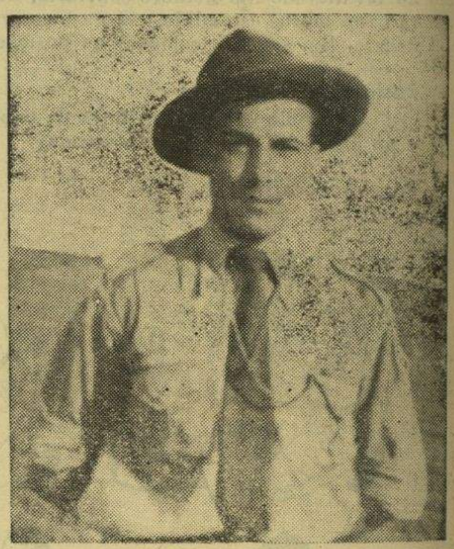
N. da R. — *Atrasado na Redacção.*

25 ANOS DE SERVIÇO

ESCOTEIRO-CHEFE ARMANDO LINO

Em 1 de Dezembro findo, passou o 25.º aniversário do Compromisso de Honra como Escoteiro de Portugal deste nosso estimado amigo e camarada.

«Sempre Pronto» deseja assinalar esta data, porquanto, estes 25 anos de serviço, 16 dos quais foram prestados na chefia do Grupo 53, representam uma vida de dedicação ao Escotismo e, particularmente, ao seu grupo. Especialmente no desempenho da sua missão de Escoteiro-Chefe o mais espinhoso e fatigante cargo do Movimento — Armando Lino tem posto todo o entusiasmo e um espírito de serviço que tem ido até ao sacrifício.



Sob sua orientação, o Grupo 53 tem conhecido épocas de actividade brilhante, naturalmente interrompidas por outra de menor desenvolvimento, mas sempre com prestígio para o Movimento. Sobretudo, o Chefe Lino, com o seu espírito franco e leal, tem sabido fomentar laços de verdadeira amizade entre os muitos jovens que têm passado pelas fileiras do 53, amizade que tem contagiado elementos de outros grupos e se tem desenvolvido até a unidades estabelecidas longe de Lisboa.

«Sempre Pronto» tem tido no Chefe Armando Lino um amigo fiel, pronto a auxiliar, presente em todos os momentos de júbilo ou de dificuldade. Por isso, todos os que aqui trabalham saúdam e felicitam o seu camarada pelos 25 anos de trabalho útil agora atingidos, na certeza de que o Escotismo muito poderá ainda esperar da sua competência e dedicação.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

De Parabéns — O lar do nosso estimado amigo e ex-Presidente dos Escoteiros de Portugal Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim e Sr.ª D. Maria Teresa M. S. Pereira Jardim, foi enriquecido, em 6 de Dezembro passado, com mais uma engraçada menina, à qual desejamos as maiores felicidades.

De Luto — Pelo falecimento de sua jovem irmã, ocorrido durante um parto de que se salvou o filhinho, encontra-se de luto a nossa estimada colaboradora Sr.ª D. Loreto Azpeitia Genovés e seu Esposo o nosso dedicado amigo Sr. Enrique Genovés, a quem apresentamos sentidas condolências.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Visita da Fraternal ao Algarve

Está pràticamente assegurada a realização da Excursão ao Algarve. A partida faz-se no dia 31, às 9 horas da manhã, conforme indicações que serão directamente transmitidas aos inscritos. O regresso faz-se no Domingo, sendo a chegada a Lisboa cerca das 23 horas.

Foram feitas mais as seguintes inscrições, srs.:

2—António Xavier de Brito e Esposa
1—Luís António dos Santos
1—Fausto Sacadura
1—Renato Ferrão (mais uma para seu filho)
3—Guilherme Neves, Esposa a parente
2—Luís Simões Aurélio e Esposa

Dada a dificuldade em obter pensões em Faro naquela época de turismo, a Direcção da Fraternal, através do seu Delegado no Algarve, garantirá a hospedagem.

Como sabemos que há ainda muitos Companheiros interessados na excursão ao Algarve, pedimos para se dirigirem urgentemente à Direcção da Fraternal — às terças-feiras, das 11.30 às 23 horas — ou à Redacção do «Sempre Pronto», afim de fazerem a sua inscrição, para que possam averiguar a possibilidade de alugar um segundo autocarro.

Almoço de Confraternização

No Domingo, às 12.30 horas, realizar-se-á um almoço de confraternização entre os Antigos Escoteiros de Lisboa e de todo o Algarve. A Direcção da Fraternal lança um especial convite para que todos os companheiros do Algarve se reunam em Faro, no dia 1 de Fevereiro próximo, a fim de tomarem parte no almoço de confraternização, que irá constituir uma inesquecível jornada de amizade.

O almoço custará Esc.=30$00 e as inscrições e o pagamento devem ser feitos até 20 do corrente mês, directamente à Direcção da Fraternal ou ao nosso Delegado no Algarve sr. João Lobo Miranda Trigueiros, de Olhão.

Esperamos encontrar em Faro os nossos Companheiros, antigos membros dos numerosos grupos de escoteiros do Algarve.

O Companheiro não falte! Faça imediatamente a sua inscrição.

• • o • •

CUMPRIMENTOS AO «Sempre Pronto»

Tiveram a gentileza de nos manifestar o desejo de Boas Festas e de votos sinceros para o Ano Novo, que sinceramente agradecemos e retribuímos, com iguais desejos, os nossos bons e dedicados amigos, srs. e sras. Prof. Aníbal Ramos, D. Cândida da Cruz Jorge Vidal e António Gomes Vidal, Carlos Mexia de Castro Paiva, D. Júlia Emília Abrantes Soares e Armando Jaime Soares, D. Júlia Maria de Oliveira e Silva e Justino Estêvão da Silva, Eugénio Ribeiro Nunes, José Dionísio dos Santos, Wolfgang Karl, Ottosgráfica, Ld.ª, Luís Simões Aurélio, todos de Lisboa; António Viegas Custódio, de Carcavelos; Francisco dos Santos Oliveira, de Setúbal; Manuel Ferreira Valério e Manuel D. Azevedo, nosso dedicado correspondente, do Entroncamento; Prof. António Álvaro Dória, de Braga; António Augusto da Silva e Cunha, de Sintra; António Norberto de Sousa Cunha e Francisco da Silva Maurício, de Faro; Albertino Nunes Gabriel e Carlos da Silva Bentes, de Olhão; José Cordeiro Teixeira, de Coimbra; Carlos Alberto Alves Cascais, de Leiria, Edmundo dos Santos Matos, de Lourenço Marques, Almerindo Gonçalves Fernandes, de Lisboa.

Comissário Internacional do Corpo Nacional de Escutas, Junta Local de Setubal do Corpo Nacional de Escutas, Grupos n.os 7, 10, 53, 85, 94, de Lisboa; 14, de Algés; 84, do Entroncamento; 93, de Sintra; 44, do Porto; Patrulhas Leão dos grupos 6, de Olhão e 10, Lisboa.

Dos srs. Jacinto dos Reis Moniz Silva, nosso Delegado nos Açores; Manuel Ferreira, de Dili, Timor; Armando Luís Bonfim e Chefe e Escoteiros da Tropa Guia Lopes, do Rio de Janeiro; A. Serra, Barcelona;



Correspondência Comercial e Traduções

Francês e Inglês. Executa-se com perfeição.

Diz-se na Redacção do «Sempre Pronto»
Letras J. E.

Filatelia Escoteira

Emissão Comemorativa do Jamboree do Pacífico

A Nova Zelândia publicará um selo comemorativo deste Jamboree, que será realizado dentro de breves dias em Auckland, naquele país.

75.º Aniversário da Fundação da «Boys' Brigade» na Nova Zelândia

Em Agosto passado, foi posta em circulação uma série de dois selos da emissão «Saúde», comemorativa daquele aniversário. O selo de 4 d. mostra um rapaz tocando clarim, vendo-se em fundo um acampamento. O de 3 d. mostra uma rapariga da Brigada de pé e de costas.

Embora não sejam selos escoteiros, interessam aos coleccionadores de temas respeitantes a organizações da juventude.

• • o • •

Sem simpatia não há compreensão, não há luz nos olhos sem transparência nas coisas.

TEIXEIRA DE PASCOAIS

GRUPO N.º 4 — PORTO

O 4.º ANIVERSÁRIO DA DIRECÇÃO E... UMA HOMENAGEM

O Desfile

São 15.30 horas. Já pelas ruas da freguesia desfila o Grupo com os seus estandartes, em divulgação escotista, ao som do rufo dos tambores e das marchas de clarim. Assomam às janelas os moradores da terra que esboçam sorrisos de simpatia pela altruísta Instituição que passa ufana e garbosa. Em cada rapaz uma fisionomia alegre deixa adivinhar o ar festivo do dia. Trata-se duma consagração a um escoteiro, ex-dirigente, que lhes é familiar. A Sede regorgita de convidados, sócios auxiliares, famílias e escoteiros.

A Sessão Solene

Às 16 horas, o Adjunto do Delegado dos Serviços Centrais, Chefe Arnaldo Eduardo Couto, passa revista ao efectivo na companhia do Chefe do Grupo 4, António Barbosa. Seguidamente, pela exígua dependência do grupo, é composta a mesa pelos senhores: Adjunto do Delegado dos Serviços Centrais, Chefe Arnaldo Couto; Humberto Carvalho Barbosa, ex-presidente do grupo; Manuel de Sousa, da Direcção do grupo; Chefe J. L. Labois Fonseca, em representação do C. N. E.; Irineu Reis Cunha, amigo dedicado do grupo; António Carvalho Barbosa, Chefe do Grupo n.º 4; José Martins dos Santos, ex-dirigente do grupo; José Luiz Pinto Machado, Joaquim Vale Ferreira, António Augusto de Sá, António Fernandes Marques, Manuel Inácio Luiz, devotados sócios do Grupo 4, etc..

Abre a festa, sendo entoados os hinos da A.E.P. e do Grupo, com toda a assistência de pé. Tomou a palavra o Chefe Arnaldo Couto, que traçou um perfil da Obra, convidando todos os presentes a colaborarem exaltando os sãos princípios e finalidade do Movimento; confessou-se grato por ter sido indicado para presidir a esta festa que se reveste de maior cunho escotista na homenagem justa que é prestada ao seu amigo particular — Sr. Humberto Barbosa. Depois o chefe do Grupo, sr. António Barbosa, tomou a palavra e encetou o seu discurso começando por sublinhar algumas actividades daquele grupo e de algumas passagens não menos curiosas, fazendo depois sentir a dívida que a Direcção do Grupo tinha para com o Sr. Humberto Barbosa, por tudo quanto tem feito em seu benefício não regateando esforços para que fosse feita a vontade dos actuais dirigentes no sentido que o seu Grupo continuasse enfileirado aos demais para um Melhor Servir o movimento. Dirigindo-se aos rapazes, fez-lhes também sentir os deveres que cada um deve ter para honrar o nome daqueles que lhe deram o «Ser» e que os ensinamentos com que eram administrados fosse motivo para que amanhã eles dissessem o quanto lhes tinha sido de proveito a injecção que tinham apanhado no escotismo quando eram meninos e moços.

Homenagem ao Sr. Humberto Carvalho Barbosa

Depois, procedeu-se à cerimónia da entrega da medalha «Lis de Agradecimento» ao Sr. Humberto Carvalho Barbosa, ex-presidente da Direcção deste grupo, cuja acção meritória tem hoje a sua compensação. O momento é solene! Caiu o silêncio na sala e todos os olhares convergiam na pessoa do homenageado que, erecto, impassível, se lhe contraíam as faces de comoção. O Chefe Arnaldo Couto, com as palavras do estilo e em nome da Associação, sentia a honra de colocar a medalha nesse grande prestoeiro do Movimento. E, logo após, envolvidos num abraço bem significativo, rompia estrondosamente uma prolongada salva de palmas que a comoção acabou por abafar. O homenageado, com um olhar fuzilante e eloquente, tomou a palavra e disse:

«Como V. Ex.as acabam de presenciar tudo isto é escotismo — é família.

«A verdade e a justiça, o amor e a dignidade, não são dogmas — são sentimentos reais que se traduzem fiéis nestas manifestações espontâneas, nestes gritos d'alma; — são sentimentos que despertam no jovem uma personalidade sádia e que o projecta na vida no sentido do bem, nobre e altivo.

«Quando menino e moço vesti a farda de escoteiro — de lobito, guia de bando, escoteiro e guias de escoteiros — sempre pratiquei diàriamente uma boa acção, fazendo a promessa e compromisso de honra, que ainda hoje não se me apagou do coração. Já homem, como militar e expedicionário ao serviço da Pátria nas terras de Além-Mar, jurei com o mesmo fervor como no tempo de escoteiro. Jurei pela mesma bandeira com que juram os generais, e daí, lògicamente, nenhum outro militar é mais digno.



Depois do Sr. H. Barbosa ser agraciado pela A. E. P., recebe das mãos de um escoteiro uma mensagem do Grupo em pergaminho, com iluminura artística

E é por essa razão, que sempre pude empenhar a minha honra. Atribuo a minha modesta obra ao escotismo e, nesta ordem de ideias, torno-o responsável pelo bem e pelo mal que, conscientemente, tenha feito. Em boa ética, sempre procedi cônscio dos meus deveres, convencido de que sempre cumpri prontamente—apanágio dos bons escoteiros — embora isso, por vezes, não fosse a contento de um ou outro. Mas isso não conta, nem nunca importou aos limpos de coração. Fui presidente deste grupo, obedecendo e fazendo inspirar a obediência, pelo conselho e pelo exemplo, ao espírito e à letra dos Regulamentos que nos regem; inexorável nas minhas acções que impunha a mim próprio como dever, não me pesa na consciência erros de isenção de lealdade, de correcção e de execução súbita às ordens superiormente recebidas, porque tudo fazia com disciplina e amor à obra, sem cansaço ou arrependimento, e sem que para mim tão abnegado afã representasse um «frete»... Sim, meus senhores, embora aluno medíocre, na Obra de Baden-Powell, eu estudei em profundidade a essência, os princípios e a finalidade de que ela se reveste e que jamais outra igualou. Obra fecunda que fertilizou o Mundo de exemplos admiráveis. Abriu-se a chaga que hoje foi saturada; dela ficará a cicatriz como aviso e reforço da experiência que, no futuro, me fará acautelar do postiço. No tempo áureo das minhas actividades, choviam abraços que recebia de boa mente, e nunca esbocei sequer a intenção do pedido de medalhas; pensava eu que elas se chovacam e que os seus ruídos produziriam efeitos nefastos na minha modestia, como acontece com outros que as exibem ostensivamente em prejuízo das suas qualidades que se extinguem vergados pelo peso dos metais; nem tão pouco ocupei na vida um amigo para me servir numa vontade, que não fosse a da lealdade e justiça, sem ser cruel. Tenho confiança que tudo será reposto nos seus devidos lugares, e aqui estou, sempre presente para dar uma explicação, se o tempo já não foi o suficiente para esclarecimento que, pela versão do povo, se diz: «O Tempo é o melhor mestre».

O meu «Sempre Pronto para Servir» foi, é, e será sempre a minha mais valiosa Medalha de Dirigente

«Hoje, é a maior apoteose da minha vida, cuja consagração pertence no seu todo àqueles que sempre me acreditaram. Os auxílios materiais que tenho prestado são insignificantes; o apoio moral, o incentivo aos que trabalham, é a melhor obra de que me orgulho. E disso sabem todos até os que procuram auscultar, embora sucintamente, a voz da razão — que é a voz de Deus. Neste dia inolvidável e depois de tantos adjectivos ao meu modesto trabalho, à minha pobre e manietada actividade, desejo patentear a minha gratidão aos membros que constituem a Direcção deste Grupo e a sua chefia, afirmando-lhes que o projecto inicial que tanto nos animou ainda não teve o seu epílogo. Quero ainda cerrar as pálpebras com o pensamento nos meus Chefes da Associação num preito de gratidão, e a todos quantos, por qualquer forma, contribuíram para esta homenagem, desejo afirmar que o meu coração aceita com profunda gratidão e sem vaidade tão imerecida homenagem. O meu «Sempre Pronto para servir», foi, é, e será sempre a minha mais valiosa medalha de dirigente. A prova foi delineada. Sigo, pois, o meu Norte em busca do fim de pista que o ideal me força a dar prova cabal, com honra, prestígio e elevação para a nossa Associação, e com os braços abertos apertando rapazes, bons ou maus — eis a minha Obra!.»

Assim falou o Sr. Humberto Barbosa com a voz sumida pela comoção...

Usaram ainda da palavra os Senhores Joaquim do Vale Ferreira, como sócio auxiliar do Grupo; J. L. Labois Fonseca, como representante do C.N.E ; e ainda Irineu Reis Cunha, todos grandes amigos do Grupo e do homenageado, os quais tiveram palavras de muito apreço pela pessoa do Sr. Humberto Barbosa, figura que por todos é respeitada no burgo da Freguesia, quer como ex-presidente do Grupo n.º 4, quer como Presidente das Festas de Paranhós, que anualmente ali são realizadas.

Depois de ser cantado o Hino Nacional, deu-se início a um beberete que muito agradou a todos os presentes, dando-se por terminado uma festa que teve dois motivos a justificá-la. «O 4.º Aniversário da Direcção e... uma homenagem», ficou gravada a ouro nas páginas da história do Grupo n.º 4 da Associação dos Escoteiros de Portugal.

— A. B.